

Gianpaolo Adomilli¹

Lucas Antonio da Silva²

Letícia D'Ambrosio³

**ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
SENSORIAL: Percursos, reflexões e
apresentação do dossier**

**SENSORY ANTHROPOLOGY AND
ARCHAEOLOGY: Pathways,
reflections and presentation of the
dossier**

¹ Professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). giansatolep@gmail.com

² Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Museu Nacional (UFRJ/MN). lasilva@mn.ufrj.br

³ Professora da Universidad de la República Uruguay / Centro Universitario Regional Este (UDELAR/CURE). treboles@gmail.com

A realização deste dossiê temático intitulado “Antropologia e Arqueologia Sensorial” para a revista Tessituras, é resultado das discussões que vêm ocorrendo entre alguns pesquisadores, nas quais nos incluímos, em torno dos estudos sensoriais. Neste contexto, consideramos que um conjunto de fatores nos trouxe até aqui, a começar pelo espaço de debates e reflexões proporcionado pelos encontros do Núcleo de Estudos Saberes Costeiros e Contra-Hegemônicos (NECO/FURG), reunindo docentes e discentes das áreas de antropologia, arqueologia e educação ambiental⁴. Nestes encontros, realizamos uma primeira aproximação, através da leitura e discussão de um volume significativo de textos sobre o tema da sensorialidade em diversas vertentes de pesquisa⁵.

Assim, iniciaremos com uma breve trajetória das nossas discussões a partir de algumas referências sobre esta temática, sem nos determos demasiadamente, uma vez que não é este o nosso objetivo, para, em seguida, apresentarmos os textos que compõem este dossiê.

De modo resumido, um interesse central dos referidos debates era entender como a pesquisa etnográfica se relacionava e poderia contribuir para o estudo da sensorialidade, mais especificamente, no que diz respeito aos modos de ser-no-mundo de determinadas sociedades humanas a partir de suas relações sensoriais com as coisas, seres e lugares.

Um ponto de partida que nos pareceu importante foi o texto “Experiência e pobreza”, escrito por Walter Benjamin. Entre tantas considerações relevantes, o autor aponta para a crescente transformação do mundo entre guerras, marcado pela violência das máquinas (tanques, bombas e aviões) e por um novo modo de experimentar a vida. De modo geral, para Benjamin (1986) essa transformação alterou drasticamente a relação das pessoas com o mundo, pois, na medida em que o desenvolvimento tecnológico se acentuava, mais as pessoas se aproximavam da dinâmica abstrata do maquinário moderno e, por conseguinte, se afastavam da experiência orgânica do mundo. O autor materializa essa afirmação com o exemplo da geração que, logo antes do período das guerras, ainda se deslocava para as escolas com carroças e, em seguida, passaram a experimentar a destruição em larga escala da

⁴ Estes encontros do NECO ocorreram quinzenalmente, reunindo docentes com formação nas áreas de arqueologia e antropologia, bem como estudantes e pesquisadores em sua maioria vinculados ao bacharelado em arqueologia da FURG e, principalmente, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da mesma universidade (mestrando e doutorando). Para mais informações sobre este grupo de pesquisa ver <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/773124>

⁵ Considerando que os estudos sensoriais apresentam um caráter interdisciplinar ou mesmo “indisciplinar”, para fazermos referência a Ingold (2020), no sentido da dissolução das fronteiras disciplinares. Não poderíamos deixar de mencionar a significativa produção existente na área da educação, especialmente na educação ambiental, em torno desta temática. Muitas leituras da área da EA também guiaram as discussões que realizamos no NECO, mas optamos por não abordar neste texto devido ao espaço resumido.

tecnologia de guerra. A partir dessas reflexões localizadas historicamente, perseguimos outras leituras que pudessem instigar nosso olhar para os modos de ser-no-mundo por meio da sensorialidade.

Em tempos de antropoceno, esta questão remete à crítica de Ailton Krenak (2019), que pondera sobre como estamos nos desconectando da vida, ou seja, uma desconexão da humanidade com a natureza, que seria o ápice do pensamento moderno e nos levou ao antropoceno. Já o pensamento de Tim Ingold (2015) converge com o de Krenak nesse ponto, uma vez que defende que as habilidades advém de nossa relação sensível com o mundo. Segundo Ingold (2015), a utilização de ferramentas faz parte dessa relação, que seriam formas de engajamento no mundo, no desenvolvimento de habilidades na prática. Já a utilização de ferramentas se diferencia das tecnologias modernas, uma vez que estas levariam à mecanização e, consequentemente, ao risco de uma atrofia das capacidades sensoriais que justamente possibilitam o desenvolvimento das habilidades a partir da experiência.

Outro texto que discutimos no NECO, a partir de uma breve busca das produções em antropologia no Brasil sobre o tema, foi o artigo “Etnografia Sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo”. Neste artigo, Castro (2021) apresenta uma etnografia realizada na feira do Guamá (Belém-PA). Essa feira, também conhecida localmente como “mercado da carne”, despertou os sentidos e estimulou a percepção da autora para os fenômenos cotidianos do local. Por exemplo, o cheiro característico da carne vermelha que pairava no local, os ruídos característicos de uma feira e a coloração do lugar, que variava entre tons de vermelho e branco - carne e roupas dos açougueiros, respectivamente. O fato é que, essa capacidade de apreensão do mundo a partir dos sentidos (Castro, 2021), possibilitou a compreensão da vida cotidiana na feira, ou como ressalta metaforicamente a autora: o sentido a partir da “carne do mundo”, isto é, entendendo o corpo como o suporte primordial de entendimento da realidade⁶.

Para além dessas leituras iniciais, nos deparamos com as seguintes questões: como se faz, e o que seria uma etnografia sensorial? E, sobretudo, no que esta difere em relação à etnografia convencional? Quais são, portanto, as implicações da nossa proposta para o entendimento da antropologia e da arqueologia? Neste sentido, convém evocar a obra de Paul Stoller, “O gosto das coisas etnográficas” (Stoller, 2022), considerado um marco da antropologia sensorial. Stoller propõe, e efetivamente o faz, em sua antropologia com cheiros e sabores, superar uma epistemologia convencional à antropologia que acredita ser possível separar pensamento do sentimento e da ação (Stoller, 2022:32).

Do ponto de vista metodológico, avançamos para o trabalho de Pussetti (2016), que apresenta uma relevante discussão sobre o tema das emoções e dos sentidos a partir de uma etnografia sensorial.

⁶ Destacamos aqui a base fenomenológica, sobretudo do filósofo Merleau-Ponty (1971), na perspectiva da virada corporal e sensorial presente na ideia da “carne do mundo”, que diz respeito à passagem de corpo-objeto para corpo-sujeito e ao entrelaçamento entre corpo e mundo.

Primeiramente, a autora realiza uma retomada histórica de como os sentidos e as emoções foram excluídos das ciências sociais, flutuando entre a biologia, enquanto as características genéticas das pessoas, e as disciplinas associadas à psicologia no estudo do “lado obscuro do homem” (Lévi-Strauss, 1962 apud Pussetti, 2016). Esse contexto só muda de fato a partir dos anos 1980, quando os estudos sobre a “experiência socialmente adquirida, sentimentos e sentidos historicamente situados e estruturados na base do sistema de crenças, representações da pessoa a dos seus limites, sentimentos e moral, e arquitecturas sensoriais e linguagens emocionais locais” (Pussetti, 2016, p. 41). Segundo a autora, a consolidação de fato desse campo de pesquisa se deu a partir do estudo da variabilidade cultural, em diferentes lugares e tempos, relativizando a validade universal dos sentimentos e emoções, especialmente trabalhados nos campos associados às perspectivas biológicas e psicológicas.

Pussetti (2016) ainda destaca a mudança metodológica promovida pelos estudos sensoriais, uma vez que a “observação participante” se torna “imersão-participante”, colocando o corpo e a experiência enquanto ferramentas de compreensão do mundo. Esse novo modo de fazer etnografia considera, além da linguagem verbal, já consagrada na antropologia enquanto o “dado” obtido na interlocução, as ações não-verbais, por exemplo, os gestos, as expressões faciais ou físicas em geral, ou, em resumo todas as manifestações corpóreas dos agentes envolvidos na ação social. Deriva disso, a ideia apresentada pela autora de “ressonância”, isto é, entender os processos sociais a partir de uma abordagem dialógica, reunindo as impressões de interlocutores e pesquisadores (Pussetti, 2016).

A ênfase no trabalho de campo centrado nas emoções e sentidos defendidos por Pussetti (2026) se aproxima das considerações sobre a pesquisa etnográfica da antropóloga Sarah Pink, cujo livro “Doing sensory ethnography” (2015) consiste em uma das principais referências para os estudos sensoriais, sendo que também aponta para a não-separação entre sujeito e objeto, priorizando um fazer etnográfico envolvendo todos os sentidos, em processos de conhecer na prática. Para Pink (2015) o trabalho de campo deve se pautar pela sensorialidade, onde o corpo e percepções da pesquisadora e interlocutores estão envolvidos, se conectam através da experiência, que é multissensorial.

Se a etnografia sensorial nos mostra que devemos levar a sério os nossos sentidos e aprender a saber sentir, a antropologia sensorial proposta por Howes (1991) é que abre as possibilidades para estas questões, sobretudo por considerar que cada cultura configura de forma diferente suas experiências sensoriais, o que nos permite abordagens comparativas. Howes foi um dos primeiros a apontar para o “ocularcentrismo” presente na tradição ocidental, questionando a universalidade da visão como sentido predominante. Ele demonstra, entre outras coisas, como cada cultura organiza e hierarquiza os sentidos e como estes podem ser diversos da forma como o concebemos no ocidente.

Já na arqueologia, Pellini (2015) aponta para um panorama semelhante. Segundo o autor, para os profissionais da área, mencionar “arqueologia sensorial” era como falar de sentidos e sentimentos,

considerando-os enquanto expressões físicas de pouca validade para a ciência – especialmente a positivista. O fato é que os sentidos, em muitos níveis, auxiliam as sociedades a estruturarem relações sociais, sejam com outros seres ou materialidades (Pellini, 2015). Pense no cheiro dos alimentos, no som dos instrumentos musicais, na decoração de um vaso de cerâmica ou no gosto de uma bebida ceremonial. O que tudo isso pode indicar sobre as relações sociais nas diferentes sociedades? Trata-se, portanto, de compreender os valores e princípios sensoriais que orientaram as ideologias que constituem essas sociedades.

Além de se apoiar nas contribuições de Howes (1991), Pellini dialoga também com o arqueólogo Yannis Hamilakis, que da mesma forma propõe a materialidade enquanto substância sensorial. Retomando a questão da materialidade, Hamilakis (2015a; 2015b) apresenta uma abordagem crítica, contemplando as dimensões sociais e simbólicas com base nas experiências sensoriais envolvendo o corpo e a materialidade. Temas como, por exemplo, o racismo e a imigração são abordados por este autor, demonstrando esse viés crítico a partir da sensorialidade da materialidade. Além disso, trata de repensar a arqueologia nessas bases, considerando sua essência experimental, portanto derivada das experiências sensoriais nas interpretações dos registros arqueológicos.

A partir dos debates em torno dessas e outras questões levantadas, propusemos um Grupo de Trabalho (GT) na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada em Niterói no ano de 2023, com o título: “GT126: Saber Sentir: Experimentações em Antropologia e Arqueologia Sensorial”. O objetivo do GT era reunir profissionais interessados no tema da antropologia e arqueologia sensorial, estabelecendo um diálogo entre pesquisas etnográficas, estudos de caso e outras abordagens metodológicas, com ênfase na experiência enquanto processo constitutivo de saberes em seus modos de perceber e sentir. Os trabalhos apresentados geraram uma série de reflexões relevantes, entre as quais, destacamos a necessidade de construir mais interlocuções de pesquisa especialmente através da etnografia, considerando-a, tal como propõe Ingold (2014), como uma prática de engajamento no mundo a partir da *atenção*.

Aliás, o conceito de “educação da atenção” de James Gibson, desenvolvida por Ingold (2015) consiste em um dos eixos de articulação desta caminhada, na medida em que a atencionalidade se manifesta como formas de viver/habitar o mundo, no engajamento dos corpos que definem um compromisso ontológico com os fluxos da vida.

Essa foi a trajetória do dossiê “Antropologia e Arqueologia Sensorial”. Prosseguindo, o volume conta com sete artigos inéditos e temáticas de relevância para o campo da Antropologia e Arqueologia. Então, neste dossiê buscamos compreender como a etnografia contribui para o estudo da sensorialidade a fim de explicar “modos de ser-no-mundo” a partir das relações sensíveis com coisas, seres e lugares. Tratando de alinhar a teoria com cheiros, texturas, ritmos, sons e sabores, deslocando a velha cisão entre pensamento, sentimento e ação. Buscamos também abrir a porta para uma etnografia sensorial levada a sério. O dossiê, ademais, recupera o alerta de Benjamin (1986) sobre o “empobrecimento da experiência” moderna, para sublinhar que técnicas e

materialidades (máquinas, arquiteturas, dispositivos) reconfiguram o modo de sentir e, portanto, de conhecer e habitar. A diretriz metodológica é clara: passar da observação participante à imersão participante, isto é, uma prática de atenção (Ingold, 2015) que corresponda a ritmos e ambientes e que tome em conta os valores sensoriais como chaves de inteligibilidade também na arqueologia.

O artigo, “*A confiança como princípio ético e técnico da domesticação: uma questão antropológica*” de Joelma Batista do Nascimento, apresenta as relações entre os criadores e o gado no estado da Paraíba a partir da centralidade do corpo e da sensorialidade. A partir da ideia de evolução e existência conjunta, a autora investiga a relação entre humanos e não humanos no processo de domesticação e compartilhamento da vida. Neste artigo, a domesticação se apresenta como poética encarnada, enquanto uma trama de comunicação corporal e sensorial entre criadores e gado, sustentada por um princípio ético-técnico chamado confiança. A autora mostra como o ver-com (por meio da fotografia) educa a atenção e, assim, transforma a própria relação com os animais: a câmera, como dispositivo etnográfico, aguça a percepção de habilidades e emoções, e reconfigura os gestos com que humanos e bovinos se aproximam, reconhecem-se, acalmam-se ou advertem (posição do corpo, olhar, orelhas, respiração). O argumento ancora-se numa antropologia da percepção e nos debates multiespécie: a colaboração do trabalho e o agenciamento animal fazem da confiança uma condição técnica — não um adorno afetivo — e tornam política a dimensão do cuidado: “viver junto”, aprender fazendo, corresponder ao outro. O resultado é uma ética situada em que a perícia sensorial emerge da convivência cotidiana e em que a técnica se escreve, literalmente, nos corpos.

No artigo de Gusthavo Gonçalves Roxo, o autor desenvolve um estudo detalhado sobre a paisagem do Rio de Janeiro a partir do patrimônio industrial e da poesia. Em seu artigo intitulado “*A Poética da Paisagem: A Interseção entre Arqueologia e Poesia na antiga Fábrica Confiança, Vila Isabel-RJ.*”, o autor utiliza conceitos da fenomenologia e da arqueologia da paisagem para compreender a construção do espaço industrial no bairro de Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro. O engajamento do autor na paisagem urbana do bairro é acompanhado de uma narrativa poética, descrevendo também os processos históricos que levaram à formação atual da região estudada. A Fábrica Confiança, um dos eixos centrais do artigo, foi um importante referencial para o estudo da paisagem e das transformações ocorridas nessa região da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

O artigo, “*Trajetórias do cárcere: costuras entre o dentro e o fora da prisão*”, de autoria de Maria Luiza Lorenzoni Bernardi, traz um estudo etnográfico sobre a experiência carcerária no Presídio Regional de Bagé, no Rio Grande do Sul. A autora busca compreender o processo social vivido por mulheres encarceradas e livres, observando trajetórias, movimentos, subjetividades e o sistema de comunicação que se estabelece entre prisão e rua. A pesquisa revela, entre outras coisas, que o encarceramento aprofunda desigualdades, mantendo as mulheres no papel de cuidadoras.

Além disso, a autora revela em seu estudo uma população carcerária majoritariamente branca, onde a "branquitude" atua como marcador de status e cria hierarquias internas. As experiências de estigmatização dificultam a reintegração social.

No artigo de Valéria Iared, Lakshmi Juliane Vallim Hofstatter e Cae Rodrigues, titulado: "*Afetividades, corporeidade e a tecnologia no campo educacional: dialogando com memórias estéticas de uma pandemia*" os autores propõem ler a pandemia como laboratório sensorial da educação. Observando que a experiência pedagógica é redesenhada quando o agenciamento não humano do vírus obriga ao distanciamento físico e à intensificação do virtual. Em chave fenomenológica, as/os autoras/es narram como tempos e espaços foram (re)criados em tensão com a rotina anterior, como uma cultura corporal mediada emergiu nas plataformas e como um "novo incorporado" reconfigurou hábitos, afetos e presenças. A aposta conceitual é conectar a virada corporal e afetiva à defesa da educação como experiência estética, bem como a uma crítica à lógica produtivista/tecnicista que empobrece o sensível. Metodologicamente, o trabalho reivindica a etnografia sensorial e a atenção a fluxos de afetos como via para captar subjetividades que as abordagens tradicionais não alcançam. Se busca discutir o papel político do corpo engajado e das afetividades no campo educativo: desenhar pedagogias que reconheçam que perceber é também conhecer e habitar.

O artigo, "*'Te desse bem na pesca, acho que bebesse água de bateira': conexões multissensoriais com o mundo das pescadoras na pesca lagunar no RS*" de autoria de Liza Bilhalva trata sobre una etnografia a bordo com pescadoras do sul do Brasil, a autora narra uma experiência da água: o corpo da pesquisadora torna-se, por um tempo, corpo da pesca, modulado por ventos, balanços, salinidade e ritmos da jornada. A célebre "sorte" marinheira aparece, assim, desarmada: não é acaso puro, mas perícia corporal e atenção encarnada ao tempo atmosférico, aos riscos e às redes de cooperação; uma forma de conhecer que, em chave sensorial, pensa-sentindo e sente-fazendo. A narrativa expõe, ainda, a questão do gênero e da técnica: indumentárias e utensílios "neutros" são desenhados para corpos masculinos, o que invisibiliza as mulheres à distância e torna incômodas ou perigosas certas tarefas; porém, ao aproximar o olhar, emergem as pescadoras e seus repertórios de ofício, tornando visível que as lagoas também são delas. Metodologicamente, o texto oferece um modelo de imersão prolongada: dormir a bordo, seguir os gestos, manter o equilíbrio, manejar o enjoo, deixar-se formar pela embarcação, de modo que a atenção se converta, ao mesmo tempo, em dado e método.

O artigo, "*Entre caminhos ponderados e delirantes: uma análise espacial do hospital São Vicente de Paulo - DF*" de autoria de Sarah Kethlen Maciel dos Santos, busca ler um hospital psiquiátrico como objeto sensorial de governo: a planta, os corredores, as permeabilidades e os pontos de acesso produzem discursos não verbais que separam, vigiam e normalizam. Sob a arqueologia do contemporâneo e a sintaxe espacial, a pesquisa mostra como a materialidade arquitetônica encarna um ideário higienista/modernista que classifica sujeitos entre produtivos e improdutivos — e como essa classificação se torna experiência. A

arquitetura aparece, então, como máquina sensorial que marca corpos e trajetórias e que arquiva — em muros, circulações e umbrais — uma racionalidade de controle. A virada arqueológica, aqui, busca escutar as paredes para entender como o espaço faz sentir, e como essas sensações ordenam práticas e políticas.

O artigo de Daiane Araujo Avelino Bezerra, Cláudia Lúcia Alves e Claudilene de Sousa Alves, intitulado “*A identidade surda e educação inclusiva: explorando a integração da memória coletiva e da diferença cultural*” analisa a relação entre a identidade surda — uma construção cultural complexa — e a educação inclusiva. Argumenta que a memória coletiva e a diferença cultural são fundamentais para entender essa identidade e para desenvolver práticas educacionais eficazes. A pesquisa, de natureza qualitativa, defende que a inclusão deve valorizar a língua de sinais e a percepção visual dos surdos, indo além da simples integração física para criar um ambiente verdadeiramente acolhedor e respeitoso, que contribua para uma sociedade mais equitativa.

Em conjunto, os textos sustentam que a antropologia sensorial e a arqueologia sensorial aqui exercidas mostram como corpos, materialidades e ambientes coproduzem mundos, e por que nossa descrição deve ser, antes de tudo, atenta e encarnada.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas:** Magia e técnica, Arte e Política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CASTRO, Marina. Etnografia sensorial e experiência sensível: experienciando a carne do mundo. **AMAZÔNICA: REVISTA DE ANTROPOLOGIA (ONLINE)**, v. 13, p. 289-310, 2021.

HAMILAKIS, Yannis. Arqueología y sensorialidad. Hacia una ontología de afectos y flujos. **Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueología Histórica**, [S. I.], v. 9, n. 1, p.31 -- 53, 2025a. DOI:[10.31239/vtg.v9i1.10579](https://doi.org/10.31239/vtg.v9i1.10579). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/vestigios/article/view/11824>. Acesso em: 28/10/2025.

HAMILAKIS, Yannis. **Arqueología y los sentidos. Experiencia, memoria y afectos.** JAS Arqueología. Madrid, Espanha, 2015b.

HOWES, David. **The varieties of sensory experience. A sourcebook in the anthropology of the senses.** University of Toronto Press, 1991.

INGOLD, Tim. **Estar vivo.** Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2015.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação.** Editora Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 2020.

KRENAK, Ailton. **Idéias para adiar o fim do mundo.** São Paulo. Cia das Letras. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível.** Editora Perspectiva. São Paulo. 1971.

PELLINI, José. Arqueologia com Sentidos. Uma Introdução à Arqueologia Sensorial. **Revista de Arqueologia Pública**, v. 11, p. 1-12, 2015.

PINK, Sarah. **Doing Sensory Ethnography.** Los Angeles/London/New Delhi/Singapore. Sage Publications, 2015.

PUSSETTI, Chiara. **Quando o campo são emoções e sentidos:** apontamentos de etnografia sensorial. In: MARTINS, H.; MENDES, P. (org.). *Trabalho de Campo: Envolvimento e experiências em Antropologia*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2016.

STOLLER, Paul. **O gosto das coisas etnográficas:** os sentidos na antropologia. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2022.